



A FORMAÇÃO DO CAPITALISMO BRASILEIRO SEGUNDO CAIO PRADO JR. E FLORESTAN FERNANDES: elementos para se compreender a questão agrária recente

Glauber Lopes Xavier
Professor adjunto da Universidade Estadual de Goiás
glauber.xavier@ueg.br

Asseguradas as devidas divergências, as interpretações do Brasil, sua formação social, econômica e política, realizadas pelo historiador Caio Prado Jr. e pelo sociólogo Florestan Fernandes reservam traços comuns. Mais pelo método de análise que por qualquer outro motivo, ambos os intelectuais, cada qual a seu modo, apreendeu a dialética investida nos processos sociais e históricos brasileiros, o que lhes permitiu, a priori, a observação atenta dos episódios e seus desdobramentos e, doravante, o registro das peculiaridades que conformam o Brasil. Florestan Fernandes, a despeito de não ser historiador, ao tomar a história como laboratório das ciências sociais, desenvolveu análises que culminaram em vigoroso debate sobre o caráter do capitalismo brasileiro, sua constituição e, portanto, suas semelhanças e diferenças quando comparado ao capitalismo europeu. Caio Prado Jr., por seu turno, mesmo sem ser sociólogo, ao tomar a história pelo encontro entre distintas temporalidades, legou para além de uma narrativa a interpretação de um sentido de colônia e de nação e, portanto, de um capitalismo assaz peculiar. Heteronômico para o primeiro, terminologia que Florestan empregou ao retratar o caráter dependente das economias periféricas, especialmente a brasileira, o qual resultou num padrão específico de acumulação de capital; anacrônico para o segundo, sendo que ao se valer dessa terminologia Caio Prado Jr. buscou elucidar a natureza singular do capitalismo brasileiro, conformado pela convergência de distintas temporalidades históricas, ambos centraram esforços em projetos intelectuais de considerável envergadura, tendo como questionamento principal as razões estruturais, naquele momento (meados do século XX), do subdesenvolvimento ou do caráter dependente de nossa economia. O alcance das possíveis respostas permitiria não apenas compreender as condicionantes históricas para tamanha disparidade e singularidade da sociedade brasileira, marcada pelo atraso econômico e pelo arranjo social formado por classes cujo delineamento de longe não se assemelha ao caso europeu, mas também e fundamentalmente a compreensão dos limites para a ruptura com o



status quo. Fundamentadas nos postulados marxistas e weberianos, as análises de Florestan contemplaram concomitantemente os aspectos materiais e psicossociais no tocante à formação da burguesia nacional. As análises perpetradas por Caio Prado Jr., por sua vez, basearam-se sobremaneira nas contribuições de Marx, numa árdua tentativa de apreender a realidade brasileira sem fazê-lo forçosamente em relação à teoria e sem cometer o equívoco contrário, ou seja, o de compreender a formação social e econômica brasileira invalidando o método em nome de uma suposta particularidade que fugiria inteiramente de outras experiências históricas. Caio Prado Jr. superou interpretações oriundas do marxismo ortodoxo ao apontar para a inexistência do feudalismo em terras brasileiras, admitindo, contudo, a peculiaridade de seu capitalismo. À mesma conclusão ambos chegaram ao refutarem a tese, corrente à época, de que houve feudalismo no Brasil, bem como a não admissão da existência de um capitalismo e de seus personagens nos moldes europeus. Calcado na teoria marxista do valor-trabalho e no conflito de classes, Caio Prado apontou para essa especificidade do capitalismo brasileiro ao constatar a inexistência do campesinato tradicional e ao problematizar a questão agrária brasileira, as relações de trabalho não capitalistas, a estrutura fundiária, as bases da econômica colonial especialmente durante o período áureo da empresa colonial canavieira. Florestan Fernandes dedicou boa parte de seus estudos à apreensão da formação do capitalismo brasileiro e da burguesia nacional. Ocupou-se da compreensão dessa burguesia a partir dos valores compartilhados por seus integrantes, de sorte que sua famosa obra *A revolução burguesa no Brasil* forneceu uma contribuição singular para os estudos sobre a mentalidade das elites nacionais. O anacronismo de que trata Caio Prado Jr. no âmbito das relações de trabalho no campo brasileiro tem como correlato o sentido heteronômico de nosso capitalismo. Tanto um quanto o outro se devem a razões estruturais, apontadas tanto por Caio Prado Jr. quanto por Florestan Fernandes, cuja superação é imprescindível, conforme demonstraram, para o desenvolvimento econômico, social e político do país. Passamos a elencar esses fatores estruturais ao problematizar a questão agrária recente, apontando a relevância das leituras de Caio Prado Jr. e Florestan Fernandes:

a) estrutura fundiária concentrada; b) economia primária baseada em atividades de monocultura; c) o poder político das elites agrárias e o sentido da nação. Há vários outros fatores que, a despeito das transformações operadas no campo, conformam a questão agrária contemporânea e responde, em larga medida, pelo caráter ainda dependente e frágil de nossa economia e nossa política. É preciso ressaltar, todavia, a estrutura fundiária altamente concentrada como o aspecto central, do qual as demais derivam e que responde por inúmeras



deficiências no âmbito econômico, social e político brasileiros. A propriedade da terra ainda figura como importante elemento de poder e prestígio social no Brasil, reservando aos seus detentores capital econômico e político de elevada monta. Gravita em torno da propriedade da terra, portanto das elites agrárias, pertencentes à chamada agricultura empresarial, de seus representantes no parlamento, aglutinados em torno da chamada Bancada Ruralista, uma espécie de pacto de poder, o qual visa se não a ampliação ao menos a permanência dos privilégios conquistados ao longo do tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Capitalismo dependente. Questão agrária. Caio Prado Jr. Florestan Fernandes.

Referências Bibliográficas

CAIO PRADO, Jr. *Questão Agrária no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Editora Braziliense, 2000.

CAIO PRADO, Jr. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

CAIO PRADO, Jr. *A Revolução Brasileira*. São Paulo: Editora Braziliense, 1966.

FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil: Ensaio de interpretação sociológica*. Prefácio de José de Souza Martins. 5. ed. São Paulo: Globo, 2005.

FERNANDES, Florestan. *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.